

CAMINHOS DA CAPITAL DO BRASIL¹

Ivany Câmara Neiva²

Resumo:

O artigo “Caminhos da capital do Brasil” tem como objetivo sugerir a construção, neste século XXI, de roteiros a partir da memória de itinerários percorridos pela Subcomissão de Investigações Agronômicas da Comissão de Estudos para Localização da Nova Capital do Brasil. Essa Subcomissão fazia parte da Comissão conhecida como Polli Coelho, e em 1947 e 1948 visitou a região do sudeste goiano – parte do sertão do Brasil Central onde foi construída a capital brasileira. São revistas noções de “sertão”. É registrada uma breve trajetória da interiorização da capital brasileira e se problematizam os processos identitários atuais de Brasília, enfatizando o não-esquecimento da memória e das heranças culturais. Como conclusão, sugere-se que sejam retomados antigos caminhos, antigas histórias, como aquelas vivenciadas pela desenhista Guiomar de Arruda Câmara e pelo agrônomo Antônio de Arruda Câmara no sudeste goiano, há cerca de setenta anos.

Palavras-chave:

Memória; Brasília; Brasil Central; interiorização da capital; patrimônio cultural.

Abstract:

The article “The ways of Brazil’s capital” aims to suggest, in this XXI century, the building of directions from the memory of itineraries taken by the Subcommittee of Agronomical Investigations related to the Committee of Studies to the Location of the New Brazilian Capital. This subcommittee was part of the one known as Polli Coelho, and in 1947 and 1948 visited the region of the Goiano southeast – part of the “sertão” in the center of Brazil, where the Brazilian capital was settled. Notions of what the “sertão” is. A brief trajectory of the bringing of the capital to the interior of the country are revised. We also discuss the problems in the processes of identifying Brasília, emphasizing the non-forgetting of memory and cultural inheritance. As a conclusion, we suggest that we revisit old ways and old stories, like the ones lived by the designer Guiomar de Arruda Câmara and the agronomist Antônio de Arruda Câmara in the southeast of Goiás, almost 70 years ago.

Keywords:

Memory; Brasília; Central Brazil; interior capital; cultural inheritance.

1. Explorações de um sertanejo paraibano e de uma praiana catarinense³ no sertão do Brasil Central

A capital ia ser mudada para o interior, para o sertão profundo...
(Arruda Câmara, A., 1960).

Meio século geralmente merece comemorações. Foi assim em 2010, quando se completaram cinquenta anos da inauguração de Brasília, capital do Brasil desde 1960.

Em 2018 são já 58 anos! Mais que isso, trata-se da lembrança de 58 anos da interiorização da capital, com a mudança de localização do Distrito Federal, que a abriga, do litoral para o Planalto Central do país.

Há cerca de setenta anos, meu avô Antônio de Arruda Câmara me contava histórias da Comissão de Estudos para Localização da Nova Capital do Brasil, da qual havia participado em

¹ Além desta, uma versão desse artigo (com o título de “Turismo Sertanejo no Brasil Central”) foi apresentada no V SIMPÓSIO DE TURISMO SERTANEJO, realizado em Monteiro, Paraíba – junho de 2010. E no livro **Semeando Cidades e Sertões**, organizado por Márcia Kuyumjian também em 2010, foi publicada outra versão.

² Ivany Neiva vive em Brasília, Brasil. Trabalha atualmente no Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília. É doutora em História Cultural, professora e pesquisadora. Vincula-se a projetos de pesquisa, especialmente nas áreas de memória, história, arte; ivacomunica@gmail.com.

³ “Paraibano” é quem nasce no Estado da Paraíba, no nordeste do Brasil. “Catarinense” é quem nasce no Estado de Santa Catarina, no sul do Brasil.

1947. Minha avó Guiomar de Arruda Câmara era desenhista e veio (foi a única mulher a vir na Comissão!), e também contava histórias e escrevia cartas⁴.



Foto: Guiomar e Antônio de Arruda Câmara.
Rio de Janeiro 1937.
(acervo de Ivany Câmara Neiva)

Dizia meu avô:

O trabalho da Comissão era indicar o local onde (um dia) ia ser construída Brasília... A capital ia ser mudada para o interior, para o sertão profundo... E lá ia eu, sertanejo do Ingá do Bacamarte, agrônomo formado em Minas Gerais, participar daquelas pesquisas no sertão do Brasil Central...
(Arruda Câmara, A. 1960).

Dois séculos antes, o cartógrafo italiano Francesco Tosi Colombina construiu mapas na Villa Boa de Goyaz (em 1751), que registravam terras goianas. Em 1808 eram divulgadas ideias mudancistas pela imprensa, em matérias do jornalista Hipólito José da Costa. Encontram-se, também, relatos de viajantes que andaram pelo país e por estas terras.

Desses relatos, destacam-se aqueles do engenheiro e diplomata Francisco Adolfo Varnhagen – o Visconde de Porto Seguro. Varnhagen chegou a publicar, em Viena, no ano de 1877, o livretinho

⁴No primeiro conjunto de cartas do livro Brasília em 51 Cartas, constam cinco dessas cartas de Guiomar e Antônio. Ver NEIVA, I.C., 2011.

“A Questão da Capital: marítima ou no interior?”, em que são reunidas suas preocupações e sugestões sobre a transferência da capital.

Doze anos depois, caiu o Império e foi proclamada a República no Brasil. Na primeira Constituição republicana, de 1891, ficava estabelecida a mudança, em seu artigo 3º: “Fica pertencente à União, no Planalto Central da República, uma zona de 14.400 km², que será oportunamente demarcada, para nela estabelecer-se a futura capital federal”.

Foram dessa época as duas missões de exploração e de estudos do Planalto Central, ambas chefiadas pelo astrônomo Luiz Cruls, respectivamente em 1892 e 1894.

A primeira – Comissão Exploradora do Planalto Central – percorreu cerca de 14 mil quilômetros e demarcou, em forma de quadrilátero, os 14.400 km² definidos pela Constituição para o futuro Distrito Federal. O polígono ficou conhecido como Quadrilátero Cruls, dentro do qual a segunda Comissão – Comissão de Estudos da Nova Capital da União –, deveria indicar a localização da capital.

Os resultados dos levantamentos feitos pelas Comissões foram consolidados em dois relatórios, publicados respectivamente em 1894 (conhecido como Relatório Cruls, referente aos estudos da Comissão Exploradora do Planalto Central) e em 1896 (apresentado como Relatório Parcial da Comissão de Estudos da Nova Capital da União).

Passaram-se mais de meio século, mais de dez Presidentes da República e duas Constituições para que o tema da mudança da capital voltasse a ser tratado oficialmente, em termos de providências efetivas.

A Constituição Federal de 1946 definia, no artigo 4º de suas Disposições Transitórias: “A capital da União será transferida para o planalto central do país”.

No mesmo ano, foi criada a Comissão de Estudos para Localização da Nova Capital do Brasil - conhecida como Comissão Polli Coelho, por ser presidida pelo General Djalma Polli Coelho, então Diretor do Serviço Geográfico do Exército. Os estudos preliminares foram concluídos em 1947, e se iniciaram os trabalhos de campo no Planalto Central e Triângulo Mineiro. Em agosto de 1948, a Comissão aprovou seu Relatório Geral e Polli Coelho o encaminhou ao Presidente Dutra.

Em contraste com o Relatório Cruls, que vem sendo objeto de diversas edições, os resultados da Comissão Polli Coelho são pouco divulgados. As publicações existentes são aquelas originais, em três volumes, de pequena tiragem, produzidas no âmbito da própria Comissão⁵.

⁵ Em Brasília, encontrei os três volumes na Biblioteca do Arquivo Público do Distrito Federal (aliás: uma bibliotecária os encontrou...)

Assim, ganham especial interesse as narrativas pessoais de quem participou dos trabalhos e as histórias registradas ao longo das viagens, como acontece nas cartas escritas por Guiomar de Arruda Câmara a sua filha Joanna⁶ e no diário de campo do agrônomo Antônio de Arruda Câmara.

Arruda Câmara era Diretor do Serviço de Economia Rural do Ministério da Agricultura e dirigia a Escola de Horticultura Wenceslao Bello, no Rio de Janeiro, onde era também professor. Seu método de trabalho, na condução das Investigações Agronômicas, incluía técnicas de sua profissão e, de forma pioneira, o registro de histórias contadas pelas pessoas da região estudada:

Marchar, ver e interrogar, de modo a fazer juízo seguro, coligindo dados para a precisa interpretação... Com entusiasmo, sem dificuldades e sem fadiga... Boa vontade e compreensivo interesse encontramos sempre, e em toda parte.
(Arruda Câmara, A., 1948. p.2).

Do encaminhamento do Relatório Final da Comissão Polli Coelho ao Congresso Nacional até a retomada de estudos, agora para definir o *sítio* e a *área* da nova capital, passaram-se cinco anos. Em agosto de 1953, o Presidente Getúlio Vargas criou a Comissão de Localização da Nova Capital Federal e, em 1955, foi definido o sítio onde deveria ser construída Brasília.

No ano seguinte, no governo do Presidente Juscelino Kubitschek, começavam as obras de construção da capital, inaugurada em 1960, numa área de 472,12 km² dos 5.789,16 km² do novo Distrito Federal.

2. Brasília: no sertão do Brasil Central

[...] Brasília, síntese dos processos que definiram os novos rumos da história brasileira e, principalmente, neste pedaço de Sertão [...]
(MONTI, Estevão Ribeiro, 2007).

Brasília está situada “no sertão profundo do Brasil”. Essa expressão – sertão – mantém-se presente quando se fala nos caminhos do Brasil Central. Frequentemente é repetida, como na reportagem sobre os cavaleiros comandados pelo neto de Oscar Niemeyer, que viajaram de Niterói a Brasília, em 2007: “As crianças da Escola Classe Cariru, no Paranoá, fizeram festa ontem para um grupo de cavaleiros que, há quase um mês, percorre o sertão visitando colégios e vilarejos.” (Abreu, M., 2010)

Sertão foi também a palavra usada por Antônio de Arruda Câmara, quando se referia às pesquisas da Comissão Polli Coelho em terras goianas.

Ali, quando falava nos “sertões do Brasil Central”, certamente confrontava a localização litorânea da então capital Rio de Janeiro com o projeto de mudança para o interior do Brasil, do

⁶ O diário e as cartas constam do acervo pessoal de Ivany Câmara Neiva.

qual estava participando. Falava de um sertão profundo, de um interior brasileiro no centro do país, longe do mar. Quando se definia como “sertanejo” paraibano, lembrava-se de suas origens no Ingá, emendando suas andanças pelas regiões do Semiárido e do Sertão da Paraíba.

A expressão está presente na Literatura: “O sertão é do tamanho do mundo”, dizia o Riobaldo de Guimarães Rosa, em 1956 (Rosa, J.G., 2001, p.89). Nesse sentido poético, “sertão” é mais que um lugar geográfico: “Sertão: é dentro da gente” (Rosa, J.G., 2001, p.325).

A palavra e a ideia também estão presentes em Euclides da Cunha (“Os Sertões”), Graciliano Ramos (“Vidas Secas”) e Afonso Arinos (“Pelo Sertão”).

A palavra “sertão” se espalha, e permanece, em expressões do imaginário e da cultura brasileira, em várias interpretações ao longo do tempo e do espaço. Volto ao artigo de Janaina Amado, em que a autora reconhecia que “no conjunto da história do Brasil, em termos do senso comum, pensamento social e imaginário, poucas categorias têm sido tão importantes [...] quanto a de ‘sertão’ ”. (Amado, J., 1995. p.145)

Como categoria espacial, Janaína Amado lembrava que “sertão” vinha designando uma ou várias regiões brasileiras, referindo-se desde ao Nordeste – onde nomeia uma subárea específica -, até áreas interiores “tão distintas” (Amado, J., 1995, p.149) em locais como Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Amazonas, Rio Grande do Sul.

Pensada como categoria do pensamento social, o sertão “é uma das mais recorrentes no pensamento social brasileiro, especialmente no conjunto de nossa historiografia” (Amado, J., 1995, p.146). Presente desde o século XVI, em relatos de viajantes e cronistas que visitaram o país, teve importância nas pesquisas de historiadores e cientistas sociais no século XX.

Mesclando as demais possíveis categorias, “sertão” é uma categoria cultural, como lembrava Janaína Amado, citando exemplos na literatura brasileira oral e escrita, “marcando [...], funda e definitivamente, o imaginário brasileiro” (Amado, J., 1995, p.146) - como nas expressões de artes visuais, cinema, música, teatro, nos mitos, nas realidades que se constroem.

“Muitos são os sertões do Brasil”, diziam Geisa Mendes e Maria Geralda de Almeida, em 2008 (Memória, Símbolos e Representações na Configuração Socioespacial do Sertão da Ressaca). . Repetimos o que assinalava Geisa Mendes, por sua vez lembrando Maria de Fátima Rodrigues (Rodrigues, M.F.F., 2001), que no título de sua tese já traz esse recado: Sertão no Plural.

Sobre os sertões do Brasil Central, buscamos referências em alguns dos pensadores sobre o Brasil, a região e o sertão, que publicaram textos sobre o assunto nos últimos anos.

O antropólogo e escritor Darcy Ribeiro, quando em 1995 tratava do Brasil Sertanejo e das terras que se desdobram desde a orla do agreste, passando pelas “enormes extensões semiáridas das caatingas”, chegava “mais além, penetrando já o Brasil Central” (Ribeiro, D., 2006, p.306), e

mencionava especificamente Goiás, nessa “vastidão do mediterrâneo interior” (Ribeiro, D., 2006, p.317).

Nosso pesquisador Paulo Bertran, quando buscava as Idades do Brasil⁷ e as origens históricas antigas do Planalto Central (Bertran, P., 2000. pp.156, 157, 159, 80, 40 e *passim*), diversas vezes se referia às “sesmarias dos sertões” “da capitania dos Goyases”, como o Sertão do Campo Aberto (na divisa leste do Distrito Federal de hoje) e o Sertão do [rio] Paranã.

O também pesquisador Victor Leonardi, parceiro do sociólogo e cineasta Renato Barbieri no roteiro dos documentários “Invenção de Brasília” (2001) e “As Idades de Brasília” (2010), falava das “narrativas interioranas e sertanejas”, e tratava da “história do sertão brasileiro”, em especial da Amazônia e do Centro-Oeste, “entre árvores e esquecimentos” (Leonardi, V., 1996. Cap.17).

A historiadora Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante abordava a questão da reestruturação do poder político em Goiás, na década de '80 do século XX, e tomava como referência “as experiências partilhadas por aqueles que habitavam o sertão de Goiás e Tocantins” (Cavalcante, M.E.S.R., 1986).

A antropóloga Mireya Suárez discutia a categoria “sertão”, como suporte para suas pesquisas no município de Arraias (Suárez, M., 1998), no antigo Estado de Goiás – atual Tocantins.

O escritor e psicoterapeuta Ézio Bazzo (Bazzo, E.F., 2006), ao longo de sua travessia ao longo do São Francisco, pensava em “Metrópoles da Promissão” que atraem (e devoram) levas de sertanejos – como na edificação de Brasília.

Brasília, plantada no sertão do Brasil Central, seria uma Brasília-Sertão, como a chamava o pesquisador Estevão Monti, enquanto investigava os processos de resistência da cultura sertaneja frente à desconstrução e ao desenraizamento intensificados por Brasília (Monti, E., 2007).

3. Roteiros sertanejos no Brasil Central

Se o passado é um país estrangeiro, a nostalgia tornou-o o país estrangeiro com a indústria mais saudável de todas: a turística.
(LOWENTHAL, D., 1985, p.5).

As descobertas do Brasil Central já acontecem, seja por quem ali mora e por quem, mais distante, vai buscar seus caminhos interioranos. O assunto está pulsante em viagens com destinos urbanos, rurais, ecológicos, culturais, e também em estudos e propostas, como os projetos relativos à Estrada Geral do Sertão (Magalhães, L.R. & Eleutério, R., 2008), ao Ecomuseu dos Caminhamentos do Sertão (2006), à Estrada Colonial no Planalto Central (Exposição. 2006), aos Caminhos do Brasil Central (Brasiliatur/ UnB, 2009), ao Memorial das Idades do Brasil (2002), ao

⁷ Referência ao Memorial das Idades do Brasil, que Paulo Bertran dirigiu em Brasília até 2005.

Ecomuseu do Cerrado Laís Aderne (2014), ao Grupo Nação Cerratense (2015), ao Instituto Cerratenses, ao Ecomuseu do Cerrado.

Certamente, a concretização das idéias mudancistas, culminando com a construção de Brasília, tornou a região mais “visível” para o país, e foi essencial para que se descortinassem seus atrativos. Aos poucos se revelaram/revelam – e foram/são construídos – passeios e roteiros pelo sertão do Brasil Central.

Neste momento dos cinquenta e oito anos de inauguração de Brasília, parece-me oportuno propor roteiros sertanejos que tenham, como foco, a memória da capital - memórias de explorações realizadas por estes sertões há quase setenta anos, em busca do sítio onde iria se localizar a nova cidade.

A referência para esses possíveis roteiros sertanejos são, por exemplo, os itinerários percorridos por Guiomar e Antônio de Arruda Câmara, pelo sudeste de Goiás, no âmbito dos estudos da Comissão Polli Coelho.

As viagens tiveram como ponto de apoio a cidade de Goiânia, também planejada, como Brasília, e à época com quase 15 anos⁸. Foram percorridos cerca de cinquenta roteiros, abrangendo mais de setenta localidades, entre cidades e povoados, empreendimentos agrícolas e projetos de colonização, vales, lagoas e cachoeiras.

Pelas informações registradas no Diário de Campo e nos Relatórios Técnicos de Antônio de Arruda Câmara, e nas cartas escritas por sua esposa Guiomar ao longo das viagens, verifica-se que as pesquisas tinham, como fonte valiosa e tão (ou mais) relevante que os ‘estudos de gabinete’, as informações e os comentários dos moradores das regiões visitadas.

Essa proximidade com a população local da época pode ser considerada, hoje, como suporte e diretriz para a construção de possíveis roteiros “de base local”, “de base comunitária” ou de “turismo situado” (Zaoual, H., 2009), ou “turismo de experiência” (Panosso Netto, A. & Gaeta, C., 2010) – tendo como mote a importância das diferentes localidades para a memória da capital brasileira. Assim, o sentido de pertencimento dos moradores em relação ao Brasil (e ao Brasil Central) poderia ser buscado a partir de memórias e de histórias contadas.

Não se trataria de caracterizar, como atrativos principais, os prédios, as ruas, os serviços de hotelaria e gastronomia, os objetos da época de passagem da Comissão pelas cidades e vilas, nem mesmo a paisagem natural ou os empreendimentos rurais. São raros esses vestígios. Sabemos das discussões e pesquisas que caminham no sentido do entrelaçamento entre características “materiais” e “imateriais” ou “intangíveis” (Fonseca, M.C.L., 2009. p.66) do patrimônio, mas não é despropositado lembrar que essa teia pode ser tornada visível nesses locais por onde passou a Comissão Polli Coelho.

⁸ Goiânia, capital do Estado de Goiás, seguiu um planejamento urbano e foi inaugurada em 1933.

Como referido, alguns desses lugares talvez nem tenham marcas materiais daquele tempo, que em si mesmas pudessem justificar a inclusão do local em novos roteiros. No entanto, essas mesmas possíveis marcas passariam a ter significado na medida em que fossem contextualizadas, “interpretadas – [...], acrescentando valor à experiência do visitante, por meio do fornecimento de informações e representações que realcem a história e as características culturais e ambientais de um lugar” (Murta, S.M. & Goodney, B., 2005. p.13).

O contexto e o lugar, no caso, seriam constituídos pelas memórias dos caminhos da capital; seriam as memórias dos caminhos de busca do local onde Brasília foi construída, nesse mundo sertanejo do Brasil Central. Seriam memórias e histórias contadas por quem vive nesses caminhos, e por quem por eles andou e anda, ou sabe contar histórias de quem andou por ali.

4. Sem esquecer as heranças

Como antes comentado, essa história dos caminhos da capital, tanto tempo depois das visitas e explorações feitas em terras goianas em busca de local para a nova capital, pode ser construída a partir de atas, relatórios e mapas da época. Muito especialmente, pode ser construída pelos relatos feitos por contemporâneos das Comissões, por quem vive nos locais antes visitados, por quem sabe histórias. É o caso de Viriato de Castro, neto do Viriato que foi guia da Comissão Cruls, e que guarda memórias daqueles tempos.

Nesse sentido, trata-se de possíveis roteiros construídos em nome de um patrimônio cultural, em grande parte “intangível” por se sustentar em histórias contadas.

Além disso, tomando-se os relatos de participantes da Comissão Polli Coelho – a exemplo de Guiomar e de Antônio de Arruda Câmara -, volta-se aos conceitos de um sertão do Brasil Central, onde se construiria – e se construiu - a capital brasileira. Pode-se então reconhecer, naqueles itinerários percorridos, rastros para atuais roteiros sertanejos, fundamentados no patrimônio cultural⁹.

Tais roteiros se justificam, especialmente, nesses tempos cinquentenários em que as histórias da capital e do mundo cerratense¹⁰ se revigoram. Lembramos a “disseminação do saber” a que Lohmann e Panosso Netto se referiam, quando tratavam do valor que o patrimônio cultural assume para as viagens e para o conhecimento (Lohmann, G. & Panosso Netto, A., 2008. p.435).

Walter Benjamin dizia, em 1940 (e considero que os caminhos antigos do sertão do Brasil Central podem ser reconhecidos assim, hoje):

⁹ Ver definição de SEABRA, G., 2007, p.282.

¹⁰ Cerratense é uma expressão criada pelo historiador Paulo Bertran; refere-se a alguém ou algo relacionado ao cerrado. Ver, por exemplo, BERTRAN, Paulo. **Cerratenses** – poesia. Brasília: Verano, 1998.

A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido. [...] Pois irrecuperável é cada imagem do passado que se dirige ao presente, sem que esse presente se sinta visado por ela. (Benjamin, W. 1994).

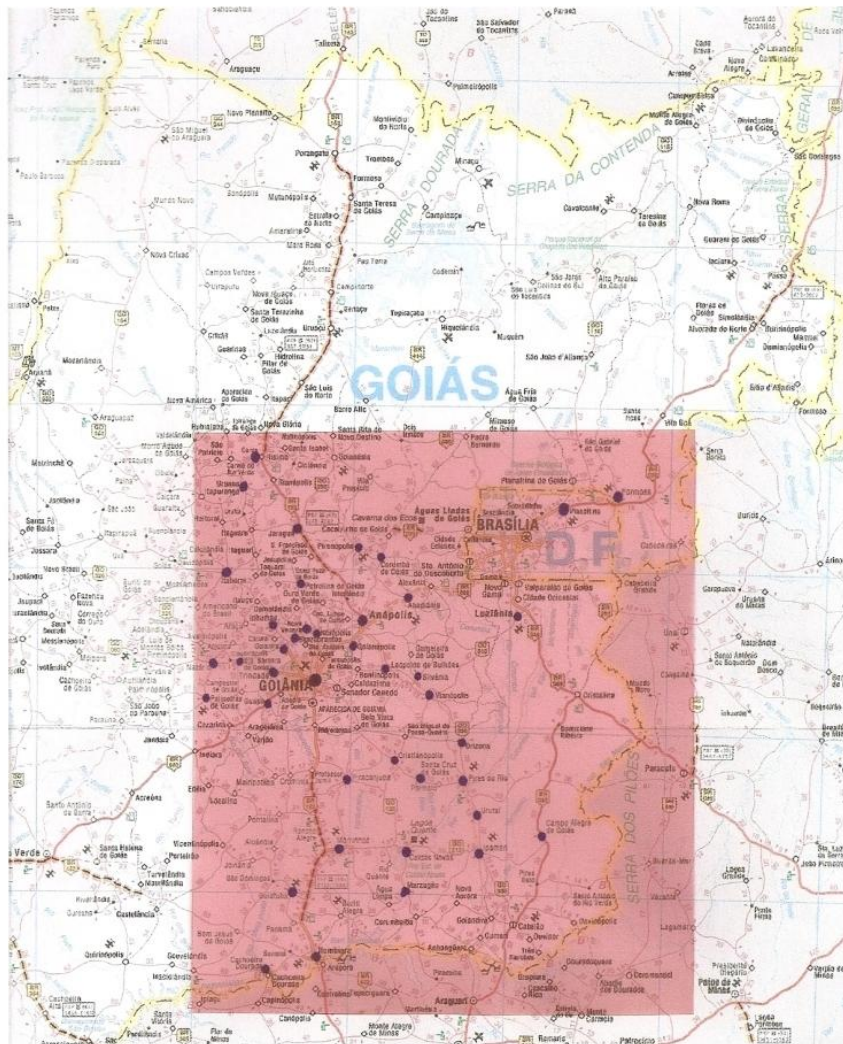
Vale lembrar, também, o paradoxo “passado ou presente?” tratado por Ulpiano Menezes (2007), quando situava o tempo da memória no presente, embora ela necessite do passado. Neste presente, propomos trazer o passado dos itinerários do sertão do Brasil Central, em roteiros sustentados nas histórias dos lugares, trazidas pela memória de seus moradores.

5. Os roteiros da Polli Coelho

Como antes detalhado, meus avós percorreram o Sudeste Goiano, em 1947-48, visitando cerca de cinquenta roteiros. Ficam, aí, sugestões para revitalizar esses lugares, como memória das viagens feitas por eles.

Goiânia - Trindade - Santa Bárbara - Goiânia
Goiânia – Anápolis - Planaltina
Planaltina - Alto Maranhão - Planaltina
Planaltina - Lagoa Mestre d’Armas (Lagoa Bonita) - Planaltina
Planaltina - Formosa
Formosa - Alto Paraná, Alto Urucuia - Formosa
Formosa - Alto Rio Preto - Lagoa Feia - Formosa
Formosa – Planaltina - Luziânia
Luziânia - Vale do Rio São Bartolomeu - Luziânia
Luziânia - Vales dos Rios Mesquita, Rio Saia Velha e Vermelho - Luziânia
Luziânia – Vianópolis - Silvânia
Silvânia – Suçupara (em Silvânia) – Piracanjuba - Caldas Novas
Caldas Novas - Lagoa Pirapetinga - Caldas Novas
Caldas Novas – Serra - Caldas Novas
Caldas Novas – Marzagão - Água Limpa – Buriti Alegre - Itumbiara
Itumbiara –Cachoeira Dourada - Itumbiara
Itumbiara – Goiatuba – Morrinhos – Piracanjuba – Goiânia
Goiânia – Inhumas – Itaberaí - Jaraguá
Jaraguá - Colônia Agrícola Nacional de Goiás - Jaraguá
Jaraguá – Uruana - Jaraguá
Jaraguá – Goialina (Petrolina de Goiás) – Souzaânia - Anápolis
Anápolis - Subestação Experimental - Anápolis
Anápolis - Vale do Rio das Antas - Anápolis
Anápolis - Corumbá de Goiás
Corumbá de Goiás – Abadiânia - Vale do Rio Capivari - Corumbá de Goiás
Corumbá de Goiás - Alto Rio Verde - Corumbá de Goiás
Corumbá de Goiás - Vales dos Rios Areia e Descoberto - Corumbá de Goiás
Corumbá de Goiás - Pirenópolis
Pirenópolis – Pireneus - Pirenópolis
Pirenópolis – Lagolândia - Vales dos Rios dos Peixes e dos Patos
Pirenópolis – Anápolis - Goiânia
Goiânia - Matas do Algodão (em Goianira) - Goiânia
Goiânia – Nerópolis - Goiânia
Goiânia - São Geraldo (Goianira) - Goiânia

Goiânia - Leopoldo Bulhões - Goiânia
Goiânia – Suçupara (em Silvânia) - Goiânia
Goiânia – Piracanjuba - Goiânia
Goiânia – Goianópolis – Anápolis – Goianás (Nova Veneza) – Brazabantes
Goiânia – Itauçu – Inhumas - Goiânia
Goiânia – Guapó – Mataúna (Palmeiras de Goiás) – Nazário – Trindade
Goiânia – Aureliópolis – Cristianópolis – Corumbalina (Santa Cruz de Goiás) - Pires do Rio
Pires do Rio – Orizona - Pires do Rio
Pires do Rio – Urutaí
Urutaí – Cavalheiro – Rudá (Campo Alegre) - Ipameri
Ipameri –Veríssimo - Ipameri
Ipameri - Caldas Novas – Morrinhos – Goiânia.



6. No século XXI

O tempo não pára. Atualmente, estima-se que o Distrito Federal tenha mais de três milhões de habitantes e mais da metade da população seja constituída por quem nasceu aqui (IBGE, estimativas para 2017).

Gerações contemporâneas nossas (a “nova geração brasiliense”) ocupam o espaço de Brasília. Não vivemos mais aquele regime ditatorial recentemente passado que nos forçava a “criar nas brechas”. E criamos, mesmo naqueles e nestes tempos, apesar disso e por isso. Novas pessoas vêm dando significado aos espaços urbanos e rurais; surgem experiências e propostas de ocupação. É o caso das atividades dos coletivos de artistas, das exposições e produções culturais, sessões de cinema, da música, da ocupação de espaços públicos, dos encontros pelas cidades, dos caminhos antigos, das trilhas que se descobrem e que se abrem, dos novos meios de comunicação, de projetos como o Experimente Brasília, o Transborda Brasília, o Retrato Brasília, o Instituto Cerratenses e o Ecomuseu do Cerrado, e outros.

Apesar da pressa e da superficialidade atribuídas a alguns “jovens”, apesar da acessibilidade rápida e constante à *internet* e às redes sociais, apesar das novas formas de comunicação que se vão incorporando ao cotidiano, apesar disso, ou em complemento a isso, se encontram, também entre as novas gerações, interesses pela memória, pela história, pelas histórias de nossa terra. “Novas” tecnologias e “novas” formas de comunicação são evidências de que o tempo não pára. Assim, os acessos a redes sociais, a tecnologias digitais, a utilização de celulares “inteligentes”, da *internet*, dos *tablets*, dos *QR Codes*, dos transmissores e receptores, dos produtos transmídia, dos aplicativos, das possibilidades 2D, 3D, 4D e outros D’s, todos eles e outros que surgem podem ser instrumentos para novos olhares, novas conversas, novas formas de pesquisa e de divulgação do conhecimento, novos significados para paisagens, histórias e caminhos antigos.

Nesse sentido, podem surgir – e vêm surgindo - roteiros culturais que consideram e revitalizam essas histórias e esses caminhos antigos, inclusive os de procura de locais para a capital interiorana.

Referências

Bibliográficas

- ABREU, Marcelo. Cultura chega a galope. Brasília, **Correio Braziliense**, 15.04.2010, capa e Cidades, p.46.
- ABREU, Regina & CHAGAS, Mário. (orgs). **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 8, n.15, 1995.
- ARAÚJO, Jackson & PREDABON, Luca. **Retrato Brasília**. Cartografia Cultural e Estética. Brasília: Banco do Brasil, 2015.
- ARRUDA CÂMARA, Antônio. **Crônicas**. Rio de Janeiro, mimeo., 1960. Acervo de Ivany C. Neiva.
- _____. **Investigações Agronômicas**. Regiões do Estado de Goiás. Rio de Janeiro: Comissão de Estudos para Localização da Nova Capital do Brasil, 1948.
- BAZZO, Ézio Flavio. **Entre os gritos do carcará e a desfaçatez da raça humana**. Brasília: Bucentauro Publicações, 2006.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I**. Magia e Técnica, arte e política. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERTRAN, Paulo. **Cerratenses** – poesia. Brasília: Verano, 1998.
- _____. **História da Terra e do Homem no Planalto Central**. Eco-História do Distrito Federal: do indígena ao colonizador. Brasília: Verano, 2000.
- BRASILIATUR. UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA / CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO. **Rota Turística**. Caminhos do Brasil Central – Turismo Regional Integrado. Brasília, 2009.
- CAVALCANTE, Maria do Espírito S.R. Fronteiras de identidade regional no Sertão do Brasil Central. In: **Revista Presença**. Goiânia, 09-10 set.1986. Disponível em <http://lasa.international.pitt.edu/Lasa2001/CavalcanteMaria.pdf>. Acesso em 26.05.2018.
- CHAUVET, Gustavo. **Brasília e Formosa**: 4500 anos de história. Goiânia: Keops, 2005.
- COMISSÃO DE ESTUDOS PARA LOCALIZAÇÃO DA NOVA CAPITAL DO BRASIL. **Relatório Técnico**. 3v. Rio de Janeiro: Comissão de Estudos para Localização da Nova Capital do Brasil, 1948 (Relatórios da Comissão Polli Coelho).
- CRULS, Luiz. **Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central**: Relatório Cruls. Edição especial do Centenário da Missão Cruls – 1892-1992. Brasília: Codeplan, 1992.
- ECOMUSEU DOS CAMINHAMENTOS DO SERTÃO: caminhos do imaginário. Exposição. Teatro Nacional. Brasília, 2006.
- ECOMUSEU DO CERRADO LAÍS ADERNE. Disponível em <https://www.facebook.com/ecomuseudocerrado/>. Acesso em 26.05.2018.
- EXPERIMENTE BRASÍLIA. Disponível em <http://www.experimentebrasilia.com.br/>. Acesso em 26.05.2018.
- FAQUINI, Rui; LEONARDI, Victor; VILLA REAL, Bismarque. **Estrada Colonial no Planalto Central**: uma viagem em baixa velocidade. Brasília: Instituto Paidéia, 2006.

FONSECA, M.C.L. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, R. & CHAGAS, M. (orgs). **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Sete aulas sobre Linguagem, Memória e História**. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

GRUPO NAÇÃO CERRATENSE. Disponível em Nação Cerratense - <https://www.facebook.com/search/top/?q=na%C3%A7%C3%A3o%20cerratense>. Acesso em 26.05.2018.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em 26.05.2018.

LEONARDI, Victor. **Entre árvores e esquecimentos** – história social nos sertões do Brasil. Brasília: Paralelo 15 Editores, 1996.

LIMA, Bárbara Lins. **Estrada Geral do Sertão**: potenciais turísticos de um caminho quase esquecido. Mestrado Profissional em Turismo. Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

LOHMANN, Guilherme & PANOSSO NETTO, Alexandre. **Teoria do Turismo** – conceitos, modelos e sistemas. São Paulo: Aleph, 2008.

LOWENTHAL, D. The Past is a Foreign Country. Cambridge: Cambridge University Press. Apud URRY, John. **O olhar do turista**: Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. 3.ed. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

MAGALHÃES, Luiz Ricardo; ELEUTÉRIO, Robson. **Estrada Geral do Sertão** – na rota das nascentes. Brasília: Editora Terra Mater Brasilis, 2008.

MEMORIAL DAS IDADES DO BRASIL Disponível em <http://www.paulobertrapasseiosn.com.br/index.php/obras/9-memorial-das-idades-do-brasil-em-brasilia-df-2002>. Acesso em 26.05.2018.

MENDES, G.F. e ALMEIDA, M.G. Memória, Símbolos e Representações na Configuração Socioespacial do Sertão da Ressaca. **Mercator** - Revista de Geografia da UFC. Fortaleza, ano 07, número 13, pp. 29-37. 2008. Disponível em <http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/5/2>. Acesso em 26.05.2018.

MENEZES, Ulpiano B. Os paradoxos da memória. In: MIRANDA, Danilo Santos de. Memória e cultura: a importância da memória na formação cultural humana. São Paulo: Edições SESC SP, 2007.

MINISTÉRIO DA CULTURA **Brasília 55 anos** – da utopia à Capital. 2015.

MONTI, Estevão Ribeiro. **As veredas do grande sertão-Brasília**: ocupação, urbanização e resistência cultural. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável). Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MURTA, Stela Maris & ALBANO, Celina (orgs.). **Interpretar o Patrimônio** – um exercício do olhar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

_____. GOODNEY, B. Interpretação do patrimônio para visitantes: um quadro conceitual. In: MURTA, S.M. e ALBANO, C. (orgs.). **Interpretar o Patrimônio** – um exercício do olhar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

NECHAR, M. Castillo & PANOSSO NETTO, A. (orgs.) **Epistemologia del turismo**. Estudios críticos. México: Trillas, 2010.

NEIVA, Ivany Câmara. Nos sertões do Brasil Central: caminhos de memória da capital cinquentenária. In: KUYUMJIAN, Márcia M.M. (org.). **Semeando cidades e sertões**: Brasília e o Centro-Oeste. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2010.

_____. **Brasília em 51 cartas**. Brasília: Editora da Autora. Apresentação: Fundo de Apoio à Cultura do DF – FAC/DF, 2011.

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem** – poética da Geografia. Porto Alegre: L&PM Editores, 2009.

PANOSSO NETTO, Alexandre & GAETA, Cecília. **Turismo de Experiência**. São Paulo: SENAC SP, 2010.

RIBEIRO. Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

RODRIGUES, M. de F. F. Sertão no Plural: da linguagem geográfica ao território da diferença. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2001.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão**, Veredas. 19.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SEABRA, Giovanni (org.). **Turismo de Base Local** – identidade cultural e desenvolvimento regional. João Pessoa, PB: Editora Universitária, 2007.

_____. **Turismo Sertanejo**. João Pessoa, PB: Editora Universitária – UFPB, 2007.

SUÁREZ, Mireya. Sertanejo: um personagem mítico. In: **Sociedade e Cultura**, 1(1): 29-39, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado** – história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

TRANSBORDA BRASÍLIA - Prêmio de Arte Contemporânea. Disponível em <http://www.transbordabrasilia.com.br/>. Acesso em 26.05.2018.

ZAOUAL, Hassan. Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições. In: BARTHOLO, R.; SANZOLO, D.G.; BURSZTYN, I. (orgs.) **Turismo de Base Comunitária** – diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

Filmográficas

A Invenção de Brasília. Direção: Renato Barbieri. Roteiro: Renato Barbieri e Victor Leonardi, 2001.

As Idades de Brasília. Direção: Renato Barbieri. Roteiro: Paulo Eduardo Barbosa e Victor Leonardi, 2010.